

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE MÚSICA

Gabriel Batista Schmidt

Ritmos:
a personalidade artística através da produção fonográfica
em um catálogo de *beats*

Porto Alegre

2024

Gabriel Batista Schmidt

Ritmos:
a personalidade artística através da produção fonográfica
em um catálogo de *beats*

Projeto de Graduação em Música Popular apresentado ao Departamento de Música do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Música.

Orientadora: Profa. Dra. Luciana Prass

Porto Alegre

2024

CIP - Catalogação na Publicação

Schmidt, Gabriel Batista
Ritmos: a personalidade artística através da
produção fonográfica em um catálogo de beats / Gabriel
Batista Schmidt. -- 2024.
30 f.
Orientadora: Luciana Prass.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Artes, Curso de Música: Música Popular, Porto
Alegre, BR-RS, 2024.

1. Música Popular. 2. Rap. 3. Hip Hop. 4. beats. I.
Prass, Luciana, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os
dados fornecidos pelo(a) autor(a).

AGRADECIMENTOS

Dedico este trabalho e agradeço à minha mãe, que sempre está ao meu lado, sempre me incentivou a estudar e foi minha primeira professora.

À minha família que sempre me apoiou.

Ao professor Leonardo Boff que sempre foi minha referência e se tornou meu grande mestre.

A todos os professores, professoras e amigos, que me ensinaram que o mais importante é a vontade de aprender.

Ao Márcio Poffo, o “Pêxi”, por todas as dicas e todas as vivências no mundo da música. Ao professor Kity Poffo, um professor que acabou se tornando um amigo e um colega. Ao Pedro Poffo, por ser um parceiro na música, entre gravações, composições, ensaios e apresentações. À toda família Poffo por me inspirar a fazer música.

À Luisa Schames, por sempre incentivar as aventuras na música e abrir as portas daquela casa que acabou se tornando uma espécie de estúdio caseiro onde surgiram muitas ideias musicais.

Ao produtor musical Bertoi, por me ajudar a fazer esse projeto se tornar realidade e ao Cláudio Remião, pelo incentivo aos estudos e todos os ensinamentos.

Aos meus amigos, especialmente da cidade de São Leopoldo, que me ensinaram a valorizar o conhecimento proveniente das ruas.

“A Música é uma arma. Se ela tem esse poder de mover o sistema, tem também o poder de elucidar.”

Milton Sales

RESUMO

Este Projeto de Graduação em Música Popular traz um estudo de ritmos com a finalidade de transparecer minha personalidade artística através de um catálogo de *beats*, o que podemos traduzir como bases ou instrumentais para que cantores possam gravar a voz em cima. Por intermédio das gravações serão trazidas minhas experiências como pianista, baixista e percussionista. O trabalho é formado, além das gravações de cinco *beats*, por um memorial descritivo que conta todo processo criativo das produções fonográficas. Além disso, conto a minha história através da música nesse projeto, demonstrando um trajeto desde antes do início do curso de graduação até a sua conclusão. O conceito de catálogo de *beats* vem do Rap, gênero musical que hoje em dia já possui diversas vertentes, porém, o trabalho não busca se limitar a um único estilo e sim abranger diversas áreas do conhecimento com o fim de ser o mais fiel e objetivo possível dentro da proposta.

Palavras-chave: Catálogo de *Beats*, Música Popular, Produção Fonográfica, Rap.

LISTA DE IMAGENS

<i>Imagem 1 – Foto da minha primeira apresentação</i>	8
<i>Imagem 2 – Capa dos beats</i>	26

SUMÁRIO

Introdução	8
Capítulo 1 - Cultura Hip Hop	13
Capítulo 2 – <i>Beats</i>	17
2.1. Lágrimas	17
2.2. Beat 2	18
2.3. Beat Noite	19
2.4. Beat Drop Mix	23
2.5. Beat Parte B	24
Considerações Finais	26
Referências	28

Introdução

Em São Leopoldo, RS, onde cresci, comecei as aulas de violão com 8 anos, em uma escola da prefeitura da cidade. Um tempo antes, minha mãe tinha me perguntado se eu queria fazer aulas de violino. A gente tinha acabado de sair de um concerto e eu recusei. Depois fui convencido a entrar nas aulas de violão e ali aprendi meus primeiros acordes. As aulas eram em grupo e na escola também havia aulas de artes e teatro. No final do ano tivemos a apresentação de Natal da escola com apresentações de música e de teatro, era 2006.



Imagem 1: Foto da minha primeira apresentação, em São Leopoldo, RS.

Alguns anos depois, já morando em Porto Alegre, comecei a fazer aulas de contrabaixo elétrico com o professor Kity Poffo pois percebi que na banda dos meus amigos da escola não tinha baixista. Depois de um tempo aquela banda se desfez e montei minha própria banda com o pessoal do Colégio Israelita, de Porto Alegre, onde estudei por seis anos, até o final do Ensino Médio, e nos apresentamos algumas vezes nos intervalos das aulas. Com o tempo, a banda trocou de guitarrista e trocou de

vocalista, nos apresentamos em eventos da comunidade judaica e participamos do festival da escola duas vezes. Ganhamos um primeiro lugar na nossa primeira participação, em 2012, e um terceiro lugar na segunda vez que tocamos, em 2013. Uma das músicas apresentadas nos festivais (“Minha Princesa”) foi gravada em 2012 no Estúdio Soma, em Porto Alegre, com a já extinta banda “Influxo Moral” (Vitor Tesler - vocal, Pedro Poffo - bateria, Eduardo Oliven - guitarra)¹. Foi minha primeira gravação em um estúdio de verdade, já havia gravado algumas músicas em casa no computador. Um dos meus amigos da escola e colega de banda era o filho do músico Márcio Pêxi, baterista da banda “Diretoria” e, com isso, através da nossa amizade, comecei a frequentar camarins e assistir shows por trás dos palcos, com uma outra visão, o que me instigou a seguir nesse mundo e trabalhar na música. Por um tempo toquei algumas vezes como baixista substituto na banda “Dis Moi” e na banda “No More Notion”, com músicos como Erick Endres e Pedro Poffo².

Depois de um tempo morando em Porto Alegre comecei as aulas de teclado com o professor Benito Crivellaro, na Escola Crivellaro, onde estudei por um pouco menos de um ano e participei da apresentação de final de ano da escola.

Em 2014, toquei contrabaixo em um projeto de “Green Day cover” com alguns amigos de São Leopoldo. Tocamos em Porto Alegre e em São Leopoldo. Toquei contrabaixo também em uma banda de Porto Alegre na mesma época chamada Black Money. Tocávamos principalmente cover de rock em geral.

Depois que terminei o colégio, entrei no curso de Licenciatura em Música no IPA, em Porto Alegre, e em um projeto, com os amigos de São Leopoldo. “Luto!” e “Vela” trouxeram a ideia de misturar Rap e Rock com instrumentos como guitarra, baixo e bateria. Com o “Luto!”, eu toquei na “São Leopoldo Fest” de 2017³, a maior festa da cidade, uma festa que homenageia todo ano a história da cidade e da região com o destaque para a imigração alemã, mas com diversas atrações como bandas de diversos estilos musicais. Participamos do Festival da cidade e levamos o prêmio de Melhor Intérprete com a música “Só Mais Uma Dose”⁴, uma composição nossa. Outra música

¹ Áudio disponível em:

https://soundcloud.com/influxomoral/minha-princesa?ref=clipboard&p=a&c=0&utm_campaign=social_sharing&utm_medium=text&utm_source=clipboard.

² Vídeo de ensaio da banda No More Notion disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=VN7nHc3-RHA>.

³ Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ijPZNFvSx8I>.

⁴ Áudio disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=9Vsc_j7hkxA.

que a gente pôde gravar juntos foi “Futuro Distante”⁵, em que gravei o baixo em cima do *beat* do produtor Ibrahims. Foi uma experiência bem diferente onde tive bastante liberdade para compor a linha de baixo e inclusive improvisar em cima da batida.

Fiquei no IPA por um ano e neste período toquei baixo em uma banda de Rock com um colega de faculdade. Desde o começo do curso de licenciatura no IPA eu já pensava em prestar o vestibular para entrar na UFRGS, mas foi a partir do segundo semestre que comecei a estudar e me preparar, principalmente com o auxílio do livro Teoria da Música⁶, para a prova de conhecimentos musicais que estava a me esperar.

No ano seguinte, me transferei para Unisinos, para estudar Produção Fonográfica, onde fiquei por mais um ano, inclusive tendo aulas no Estúdio Soma, em Porto Alegre, onde tive minha primeira gravação e viria a frequentar, no futuro, nas aulas de Prática Musical Coletiva da UFRGS. Neste período participei de um projeto com músicos da comunidade judaica em que tocamos em eventos e que durou cerca de 4 anos, até 2022.

Quando comecei a estudar para o vestibular da UFRGS também passei a trabalhar como pianista no Restaurante Três Gurias, o que foi uma experiência enriquecedora no sentido de aprender a montar um repertório para tocar em um ambiente em que as pessoas estivessem fazendo uma refeição, muitas vezes com a intenção de tornar a apresentação uma música ambiente ou uma música de fundo, sabendo que eu não estava ali como atração principal, afinal, enquanto eu estava tocando muita gente estava conversando no local. No meu repertório estavam músicas de alguns artistas como The Beatles, Tom Jobim e muito mais. Ali passei a conviver com pedidos de músicas dos clientes para eu adicionar ao meu repertório e pedidos de fotos também.

Toquei também algumas vezes como percussionista da banda Expresso Livre, tocando instrumentos como pandeiro, chocalho e cajón. Um dos percussionistas era meu professor de história na época do colégio e me chamou para assistir à gravação do primeiro disco. Foi aí que criei, instantaneamente, uma relação com todo grupo.

Em 2018 participei da gravação de um álbum com contribuições no piano e nos *beats* chamado “A Mansão”⁷, que conta com participações de diversos músicos como Vitor Tesler e Pedro Poffo explorando ritmos como o Funk, o Trap e o Boom-Bap.

⁵ Áudio disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=b0F18J3h3dA>.

⁶ MED, Bohumil. Teoria da música. Brasília: MUSIMED, 1996.

⁷ Áudio disponível em: <https://soundcloud.com/su-mc-ellen/sets/a-mansao-su-mc-ellen>.

Em 2019, entrei no curso de música, com habilitação em música popular da UFRGS tocando, na Prova Específica, as músicas “Até Quem Sabe” (João Donato) e “Summertime” (George Gershwin), no piano. Na metade do ano parei de trabalhar como pianista no restaurante, depois de 3 anos. Nas aulas de Prática Musical Coletiva (PMC) com a professora Luciana Prass, pude tocar piano, baixo elétrico e pandeiro⁸. Logo no primeiro semestre, tocamos a música “S.A.”, da banda Expresso Livre⁹. Neste semestre também tivemos na sala de aula a presença do professor Mateus Kuschik, convidado da professora Luciana, que realizava seu Estágio de Pós-Doutorado na UFRGS¹⁰. O professor trouxe sua experiência com a música de Angola, país onde esteve estudando durante o período de seu doutorado-sanduíche. Nesse semestre, por sugestão do professor Mateus, tocamos a música “Nguxi” da “Banda Maravilha”¹¹.

No mesmo ano tive a oportunidade de participar de um trabalho de alguns amigos para o curso de Produção Audiovisual da PUCRS, compondo algumas músicas para o curta-metragem “Ao Pé da Estrada”, minha primeira experiência trabalhando com trilha sonora, na qual gravamos alguns instrumentos nos estúdios da FAMECOS, na PUCRS.

No ano de 2020 veio a pandemia e eu continuei o curso de forma remota. Trabalhei como bolsista na Rádio da UFRGS por 3 anos, principalmente na parte da programação. Em 2022 comecei a dar aulas de piano e preparar alunos para a Prova Específica de música do vestibular da UFRGS. Agora me encontro no final do curso para realizar este projeto de graduação.

Sendo assim, decidi pela proposta de uma produção fonográfica como trabalho de conclusão de curso como um possível resgate de todas experiências com a música e a gravação em estúdios especificamente, mesmo que estúdios caseiros. Este Projeto de Graduação em Música Popular, portanto, se dá através do registro de um catálogo de *beats*, o que podemos traduzir como instrumentais para que cantores possam gravar a voz em cima, com o objetivo de transparecer uma identidade musical através de ritmos e timbres, assim como demonstrar minha relação com a produção fonográfica construída ao longo dos anos. Através das gravações serão trazidas minhas experiências

⁸ Um exemplo do que produzimos nesta Prática Musical Coletiva I, em 2019/1, foi a canção “Louva a Deus” de Milton Nascimento, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=H52dpPlfLto>.

⁹ Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=t0eKqWOpILA>.

¹⁰ Vídeo em que o professor Mateus Kuschick toca junto com os alunos na sala de aula, disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=8Dbb24Lq_Gw.

¹¹ Áudio disponível em: <https://soundcloud.com/gabriel-batista-4/2019-06-12-nguxi-a-boa>.

como pianista, baixista e percussionista. O trabalho é formado, além das gravações, por este memorial descritivo que conta todo processo criativo das produções fonográficas. O conceito de catálogo de *beats* vem do Rap, gênero musical que hoje em dia já possui diversas vertentes, porém o trabalho não busca se limitar a um único estilo e sim abranger diversas áreas do conhecimento com o fim de ser o mais fiel e objetivo possível. Podemos pensar também no catálogo de *beats* como uma espécie de portfólio do trabalho de um *beatmaker*. Neste catálogo, de bases instrumentais, foram explorados alguns estilos musicais através dos instrumentos característicos de cada estilo e também do ritmo, buscando explicitar as minhas influências musicais. O texto *Musical Personae*, do professor de estudos de performance na Georgia Tech, Philip Auslander (2006), foi uma inspiração para refletir sobre o assunto da personalidade artística.

Capítulo 1 - Cultura Hip Hop

Escrevo este trabalho em 2023 (e no início de 2024) como uma forma de homenagear o aniversário de 50 anos da cultura Hip Hop, afinal, em 11 de agosto de 1973, foi quando houve a festa que ficou sendo considerada como marco histórico do início do movimento. Podemos dizer que a cultura Hip Hop começou nos anos 70 com as festas no bairro do Bronx, em Nova York, onde o centro das atenções era o DJ, mas também já podia ser visto a importância do Break Dance com os B-Boys e as B-Girls. Os MCs têm muito destaque hoje em dia mas, naquela época, as grandes estrelas eram os DJs. O nome do DJ Jazzy Jeff aparecia antes do Fresh Prince nas capas dos discos e divulgações de apresentações. Ambos ficaram muito conhecidos aqui no Brasil através da série Um Maluco no Pedaco, mas a verdade é que Will Smith (o Fresh Prince) e o DJ Jazzy Jeff já eram muito conhecidos pelos discos de Rap antes de começarem a atuar.

O termo Hip Hop, em uma tradução literal, significa movimentar os quadris e saltar (*to hip* e *to hop*, em inglês), e surgiu no final dos anos 60 como gíria em Nova York (Rocha; Domenich; Casseano, 2001). Os livros *O Mundo Funk Carioca*, do antropólogo Hermano Vianna, e *Hip Hop: A Periferia Grita*, das escritoras Janaina Rocha, Mirella Domenich e Patrícia Casseano, foram importantes fontes desta minha pesquisa. O Hip Hop é composto por quatro elementos: os DJs, o Break Dance, o grafite e o Rap. Há quem diga, como o *rapper* gaúcho, Rafa Rafuagi, que o Hip Hop tem 5 elementos, e que o quinto elemento seria o conhecimento e o aprendizado. O movimento social traz aos jovens a reflexão sobre a realidade da periferia e instiga a tentar transformá-la.

Prosser (2009) afirma que “o termo Hip Hop foi criado pelo DJ Afrika Bambaataa, em 1968, para nomear os encontros dos dançarinos de *break*, DJs e *rappers* nas festas de rua no bairro Bronx, em Nova York, aos quais, o graffiti acabou sendo associado” (p. 15).

Segundo Rocha *et al.* (2001, p. 128):

Grandmaster Flash, Kool Herc e Bambaataa faziam o papel de apresentadores ou de mestres de cerimônias nas festas, entregando o microfone aos dançarinos para que esses pudessem improvisar letras no ritmo do break. Nasciam, assim, os primeiros MCs. Além das técnicas de discotecagem, composição, vocais e dança, iam surgindo nas letras as temáticas e as ideias do Hip Hop: o estímulo à autoestima da juventude negra, a denúncia de sua exclusão cultural e econômica do mundo branco, a necessidade de transformar sua própria realidade por meio da conscientização coletiva.

Desde o início do Rap, algo muito presente nos *beats* foram (e continuam sendo) os *samples*, recortes de outras gravações, por vezes modificadas, utilizadas nos *beats* de diversas maneiras. Mais tarde alguns produtores como Dr. Dre até utilizaram regravação como forma de “samplear”, ao invés de recortar um trecho da gravação original. Um dos principais expoentes do início do Rap na década de 70 é Afrika Bambaataa, nova iorquino conhecido por ser DJ, cantor, compositor e produtor, criador do grupo Zulu Nation. É comum no Rap esse acúmulo de tarefas, e o contexto do DJ que se torna produtor é o início da cultura do *sample*. Uma das gravações icônicas de Afrika Bambaataa com o Zulu Nation é “Zulu Nation Throwdown”¹² que mostra a influência das músicas do gênero P-Funk e de bandas como Parliament Funkadelic e Chic, muito tocadas pelos DJs da época, nas festas, nos *beats* do final dos anos 70.

Anos mais tarde, Bambaataa formou o grupo de rap Soul Sonic Force. Com o conjunto, gravou seus principais clássicos, como “Planet Rock”, de 1982, inventando o gênero eletrofunk. O rap começou, então, a ser divulgado como uma forma de cantar, baseada no *toast* jamaicano, com letras rimadas em cima de uma base musical (Rocha *et al.*, 2001, p. 128).

Outra música em que podemos perceber a influência do funk americano nos *beats* de Rap da época é “Rappers Delight”¹³, do grupo Sugarhill Gang, que traz uma linha de baixo inesquecível e um ritmo dançante. “Rappers Delight” é considerado, por muitos, como o primeiro Rap a ser gravado, no ano de 1979, e também é conhecida como a canção que originou o termo Hip Hop, uma referência à primeira rima na letra da música.

Fanático por discos, Bambaataa ficou ainda mais interessado em investir na criação do break-beat depois de ouvir o DJ Kool Herc tocar suas pick-ups em festas do Bronx, em 1972. Ele percebeu que aquele instrumental criativo podia ser parte de um novo estilo musical. Herc era imigrante jamaicano e de lá trouxe, além dos sound-systems, o modo de expressão verbal dos toasters da Jamaica - as saudações aos que chegavam à pista de dança em ritmo entrecortado -, que seria o prenúncio da ideia do MC (Rocha *et al.*, 2001, p. 127).

A primeira tese sobre Hip Hop no Brasil, *Movimento negro juvenil: um estudo de caso sobre jovens rappers de São Bernardo do Campo*, foi escrita pela educadora Elaine Nunes de Andrade, em 1996. Na pesquisa Elaine faz o leitor refletir sobre o Hip

¹² Gravação disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rsmZ70EuLuo>.

¹³ Áudio disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rKTUAESacQM>.

Hop como uma ferramenta educacional, principalmente na periferia. Rocha *et al.* (2001, p. 32), afirmam que “Thaíde e DJ Hum estão entre os precursores do Rap no Brasil”. Thaíde, além de ser considerado um nome importantíssimo na história do Rap nacional, e um dos precursores da cultura Hip Hop no Brasil, também já foi professor, tendo ministrado oficinas na Casa do Hip Hop, em Diadema. Thaíde, citado por Rocha *et al.* (2001, p. 32), diz que “o Rap tem o poder de reunir a massa, educando e informando”.

Os discos *Rap É Compromisso!*, de 2000, do *rapper* Sabotage, produzido por Daniel Ganjaman, Helião, Zegon, Dj Cia e Rzo; *Traficando Informação*, de 1999, do *rapper* MV Bill, produzido por MV Bill, Ice Blue e DJ Luciano; e *Babylon By Gus, Volume I: O Ano Do Macaco*, de 2004, do *rapper* Black Alien, produzido por Alexandre Basa, foram importantes referências para me descobrir como músico e fontes de inspiração para realizar esse projeto.

No Rio Grande do Sul um dos grandes expoentes do Rap é o grupo *Da Guedes*, de Porto Alegre, grupo que foi minha primeira influência quando se trata de rimas e batidas, principalmente com o disco *Morro Seco Mas Não Me Entrego*, de 2002, produzido por Baze e Fábio MF (Adversus). Me lembro de, na infância, ser impactado com meu irmão mais velho ouvindo “Bem Nessas”¹⁴, um dos grandes sucessos do grupo gaúcho, gravado com Thaíde, valorizando e já me ensinando, mesmo que inconscientemente, a valorizar a cultura local.

Entre outros nomes de destaque quando falamos de Rap no Rio Grande do Sul temos Negra Jaque, de Porto Alegre, expoente feminino, sempre trazendo questões como a representatividade da mulher negra na sociedade e o racismo estrutural nas suas letras, uma de suas canções mais conhecidas é “Cabelo Crespo”¹⁵. Além dela temos também Rafa Rafuagi, de Esteio, nome importante que escreve sobre a luta antirracista que deve ter seu trabalho reconhecido como um dos fundadores da Casa de Cultura e Hip Hop de Esteio, assim como do recém inaugurado Museu do Hip Hop do Rio Grande do Sul¹⁶, um exemplo de seus sucessos é a canção “Manifesto Porongos”¹⁷. Outro nome importante é Cristal, de Porto Alegre, representando a nova geração. A cantora é considerada um dos nomes femininos em maior destaque em 2023, ano em

¹⁴ Áudio disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=GU5nNAcf6_E.

¹⁵ Áudio disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vOC8M6pEM2g>.

¹⁶ Para mais informações do Museu do Hip Hop do Rio Grande do Sul, ver: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2023/12/10/sala-de-grafite-3d-6-mil-itens-de-acervo-e-e-stufa-agroecologica-conheca-museu-da-cultura-hip-hop-inaugurado-em-porto-alegre.ghtml>.

¹⁷ Áudio disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YkHY4A14Gg8>.

que ela lançou muitas músicas com o produtor Duda Raupp, entre elas a canção “Meu Guia”¹⁸.

Reconhecendo o Hip Hop como um movimento negro, eu, como uma pessoa branca, fui buscar me informar e beber da fonte do conhecimento através das palavras de Djamila Ribeiro, no livro *Pequeno Manual Antirracista*, de 2019. Uma passagem muito marcante nessa leitura foi : “Perceber-se é algo transformador. É o que permite situar nossos privilégios e nossas responsabilidades diante das injustiças contra grupos sociais vulneráveis” (p. 32).

Diário de Bordo - 31/10/2023.

Buscando mais embasamento teórico para escrever sobre o assunto desta minha pesquisa, me fiz presente no evento “Conferência Internacional: Hip Hop e pensamento crítico no Senegal e no sul do Brasil”, que ocorreu na FACED/UFRGS, no dia 31 de outubro de 2023, ministrada pelo professor Abdoulaye Niang, da Université Gaston Berger de Senegal.

O evento foi promovido pelo PPG em História da UFRGS com o apoio da Casa de Cultura Hip Hop de Esteio, como convidados no encontro também falaram a MC Nathi, também conhecida como Poeta Desperta, e o antropólogo Diogo Raul Zanini.

Na palestra principal, o professor começou apresentando a teoria de que o movimento Hip Hop teria iniciado na África e apontou contrastes com a teoria tradicional, mais comum na literatura. Citando nomes como Afrika Bambaataa e o jamaicano DJ Kool Herc, o palestrante também discorreu sobre essa chamada história popular do Hip Hop e como o conhecido DJ jamaicano importou a cultura das “block parties”, as festas de rua. O professor Abdoulaye também trouxe seu conhecimento sobre a história do Rap e do Hip Hop em Senegal. Ele contou que por lá o Rap é dividido entre Rap de protesto ou político e Rap de festas ou entretenimento. Logo após, mostrou alguns exemplos de como isso fica bem claro nas letras das músicas. Com isso podemos perceber, e Niang fez questão de deixar bem claro, a importância do contexto histórico e do contexto político para o surgimento do movimento Hip Hop em Senegal também como um movimento de protesto contra o governo e a política do país.

*A Nathi, Poeta Desperta, trouxe toda sua experiência e o contato com a cultura Hip Hop que foi adquirido através da vivência no SLAM, uma competição de poesias que acontece no movimento. A MC também contou um pouco da história dessas competições e trouxe alguns relatos pessoais que se encontram no livro de poesias *Recomece*. Algumas poesias do livro foram lidas no evento. Diogo Raul levou sua prática com o grafite, um dos elementos do Hip Hop, e com uma fala muito enriquecedora, encerrou a conferência que, infelizmente, por questão de tempo mais longo das apresentações, inclusive pela necessidade de tradução, não pôde contar com participações do público.*

¹⁸ Áudio disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oQasH8V95zA>.

Capítulo 2 - *Beats*

Neste capítulo irei discorrer sobre os processos de criação, produção e pós-produção, dos *beats* que compõem esse Projeto de Graduação. Aqui falo sobre os timbres e a instrumentação de cada *beat*, algumas referências, minhas motivações. Além disso, faço uma breve análise de cada instrumental e conto como surgiu a ideia inicial para que posteriormente eu pudesse realizar as gravações.

2.1. Lágrimas¹⁹:

Nesse primeiro *beat* eu tomei uma decisão de mudar o nome da base de “Tears” para “Lágrimas”, buscando me aproximar da identidade como *beatmaker* brasileiro, por mais que o nome em inglês, nesse caso, remeta às minhas referências, principalmente no estilo do Trap, de *rappers* e *beatmakers* americanos. No fonograma que criei, temos a utilização de efeitos sonoros como sons de tiros com a intenção de contar uma história ao ouvinte ou pintar um quadro ou uma imagem na cabeça do/da MC que virá a escrever uma letra pro *beat*. Uso muito desse recurso nos meus *beats*, trazendo a experiência de poder ter trabalhado com trilha sonora para cinema. Uma grande referência é a música “Stan”²⁰, do Eminem, famosa pelo *sample* de Thank You²¹, da cantora Dido, que usa o som da chuva como um plano de fundo do *beat*, além de outros diversos efeitos sonoros como gritos e o som da carta sendo escrita, por exemplo, que são utilizados para ajudar a contar a história do eu-lírico.

A “daw” usada em “Lágrimas” foi o Fruity Loops em um notebook “simples” e foram usados apenas “plug-ins” nativos do software. Além disso, temos aqui o uso de *samples* de kits de bateria comprados de *beatmakers* na internet, tanto brasileiros quanto estrangeiros como, por exemplo, NeoBeats. A escolha do título se dá em relação à fotografia trazida pelos elementos instrumentais e os efeitos sonoros.

O assunto das armas é comum no Rap e no estilo do Trap e aqui tento trazer o assunto com uma perspectiva negativa. Quando o *beat* foi feito estávamos passando por um período de eleição aqui no Brasil e o tema estava muito em discussão. Acredito que

¹⁹ Áudio disponível em:

https://soundcloud.com/gabriel-batista-4/asdfasdf?si=f8c6b26aa3994d9da3f57e30495a2dda&utm_source=clipboard&utm_medium=text&utm_campaign=social_sharing.

²⁰ Áudio disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7u1Jj6aRIec>.

²¹ Áudio disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1TO48Cnl66w>.

o contexto político também pode ter servido de inspiração. O uso da escala menor, muitas vezes relacionada a uma sonoridade mais triste, também é uma ferramenta para transportar o ouvinte para uma cena, além do final abrupto proposital que pode ser interpretado até como uma metáfora.

Pode-se pensar que talvez o/a letrista que for escrever em cima da batida será induzido a falar sobre armas, mas não vejo problema se a letra for sobre um assunto diferente, pois acredito que no *beat* há espaço para isso. O *beat* é de 2018, portanto, eu ainda não estudava na UFRGS, passava por um período mais produtivo nesse sentido de gravações e horas de estúdio e me encontrava mais próximo da chamada cena local do Rap.

Os *beats* de Rap muitas vezes podem não seguir uma estrutura padrão e aqui temos um exemplo disso, podemos chamar de um estilo de composição livre, isso acontece e como consequência podemos ter, por exemplo, uma música em que o refrão e o verso estão sendo rimados em cima de um mesmo instrumental, sem mudanças em questão de instrumentos e ritmos.

Este *beat* encontra-se disponível no Soundcloud que é uma plataforma online gratuita de distribuição e divulgação de música.

2.2. Beat 2²²:

Nesse *beat* temos alguns timbres que o diferem do primeiro e, por mais que ambos os *beats* tenham um estilo parecido, do meu ponto de vista, o ritmo também é um pouco diferente em cada um deles. A utilização desses *samples* de kits de bateria traz os timbres característicos da bateria do Trap americano, portanto, explicitando minhas influências como *beatmaker*, através da produção. Exemplos disso são o hi-hat agudo, muito utilizado no Trap, e também o uso do baixo 808, por vezes junto com o bumbo, clássica característica deste gênero musical. Em Beat 2, minha contravenção é utilizar o baixo elétrico junto com o 808. Mesmo que o baixo elétrico no *beat* seja um plug-in nativo do Fruity Loops, não é comum que seja utilizado junto com o baixo 808 em *beats* em geral devido a serem dois instrumentos que compreendem frequências graves. O

²² Áudio disponível em:

https://soundcloud.com/gabriel-batista-4/beat2?si=f8c6b26aa3994d9da3f57e30495a2dda&utm_source=clipboard&utm_medium=text&utm_campaign=social_sharing.

senso comum é de que se escolha um ou outro. Pela sonoridade e pensando na questão das frequências na hora de mixar, optei por usar ambos.

808 é um tipo de percussão eletrônica, também usada como timbre de baixo, caracterizada por um subgrave forte. Geralmente sintetizo meus próprios 808's usando uma onda senoidal saturada, com ataque rápido, *sustain* no zero e *decay* a gosto. (Raupp, 2022, p. 19).

Nesse *beat* também temos a utilização de efeitos sonoros como, por exemplo, o som da sirene, com a intenção de desenhar uma cena na cabeça do ouvinte. Aqui temos mais uma vez um *beat* todo feito no computador, portanto, sem a gravação de instrumentos musicais “reais” além do que o *software* me proporciona. Esse é um *beat* de 2020, já estudante da UFRGS. Vejo essa produção como uma forma de resgate das minhas experiências anteriores ao curso de música com o Rap e o que eu vinha fazendo até entrar na universidade. Beat 2, além de também estar disponível no Soundcloud, encontra-se na BeatPlace, uma plataforma exclusiva para compra e venda de *beats*. A BeatPlace coloca uma *tag* do site nos *beats* à venda para garantir a segurança do produtor. A *tag* fica repetindo várias vezes quando o possível comprador está ouvindo o *beat* no site. *Tag* é o termo utilizado para nomear a assinatura musical colocada no fonograma, muitas vezes utilizada, mesmo em músicas já circulando no cenário comercial, como uma forma de dar os créditos ao compositor do instrumental. Assim, se usa a *Tag* uma única vez no *beat*, com o nome ou o apelido do *beatmaker*, com a intenção de identificar o autor. Porém a *Tag* também é utilizada no contexto de vendas de *beats* quando o *beatmaker* não quer divulgar o fonograma “limpo”, ou seja, sem *Tag*, para que ele não seja utilizado gratuitamente.

2.3. Beat Noite²³:

Este *beat* foi feito com a utilização de um iPhone XR, única e exclusivamente, com a utilização do *software* Garage Band, *software* gratuito exclusivo da Apple. Tudo foi gravado no dia 19 de novembro de 2023, já no processo de produção deste Projeto de Graduação. Foi utilizada a função de Bateria Inteligente para compor a percussão, onde a bateria é feita com inteligência artificial, a partir de algumas ideias do compositor, como dinâmica e frequência, em que o instrumento vai aparecer, peça por

²³ Áudio disponível em: <https://soundcloud.com/gabriel-batista-4/beat-noitebeat-a-venda>.

peça. Aqui utilizei bumbo, caixa, *hi-hat* e palmas. Os timbres utilizados foram todos de *plug-ins* nativos da DAW supracitada. Os teclados são timbres que levam nomes de Classic Rock Organ e 80s Chime Vibe e o *plug-in* utilizado para gravar o baixo leva o nome de B Movie. O nome do *beat* refere-se à noite de trabalho para finalizar as gravações.

Podemos perceber a presença de tons menores em grande parte dos *beats* de Rap, talvez em sua maioria. Eu uso muito dessas influências para compor e acredito que nesse catálogo também, todos os *beats* se utilizem de tons menores e este aqui é mais um deles. Os acordes utilizados foram Sol menor e Fá sustenido diminuto. O processo artístico consistiu em uma ideia inicial que surgiu quando eu estava tocando teclado improvisando e pensei que poderia surgir um *beat* a partir desses dois acordes. Então me gravei com o celular tocando esses acordes com um metrônomo em um andamento que mais tarde viria a ser modificado nas gravações oficiais. Todos os *beats* que posteriormente serão comercializados, levam junto o projeto no *software* de origem, para possíveis alterações.

O meu processo de mixagem se dá muitas vezes durante as gravações dos instrumentos, já escolhendo basicamente compressores e equalizadores nativos dos programas que costumo utilizar para gravar. Mas após finalizar as gravações, também tenho o hábito de ouvir o *beat* em diversas fontes de áudio diferentes como notebook, celular, fone de ouvido, televisão, etc., para poder equilibrar os instrumentos e fazer com que eles soem harmonicamente independentes da fonte sonora.

Este *beat* está à venda no Soundcloud.

No dia 6 de Setembro de 2023, pude apresentar meu Projeto de Graduação em um Colóquio dedicado aos alunos, possíveis formandos, no curso de Música Popular e tive a oportunidade de ouvir algumas sugestões dos professores Julio Herrlein e Caroline Abreu. Algumas recomendações do professor Julio Herrlein foram a leitura do trabalho “*Groove: de onde vem, para onde vai? do que se alimenta?*”, de 2023, de Mateus Mussatto, e a dissertação de mestrado “*Expressões Insurgentes e Conflito Urbano: Reflexões sobre o Graffiti na área central de Porto Alegre*”, de 2020, de Luciana Etchegaray, além de citar o site “WhoSampled”, destinado a catalogar referências em *samples* de *beats*, como uma fonte de inspiração. O professor também me instigou a refletir sobre uma ideia que a professora Luciana Prass já tinha

comentado comigo anteriormente: de gravar uma voz em cima de um dos *beats* para que tivéssemos um exemplo de como ficaria, no final, a música com tudo pronto.

Já a professora Caroline Abreu recomendou a leitura de autores como Luiz Tatit e Philip Auslander para me capacitar a escrever sobre o assunto da persona artística no mundo da música.

No dia 9 de novembro de 2023, às 20h50min, pensando em colocar em prática a ideia de apresentar também um exemplo de como ficaria o *beat* com uma voz gravada em cima, entrei em contato com o músico Diego Roveda, um amigo de longa data, para gravar uma amostra vocal. Infelizmente não obtive retorno e então decidi gravar eu mesmo a voz para um dos meus *beats*²⁴. No dia 4 de dezembro às 17h, entrei em contato com o produtor João Bertoi, produtor gaúcho de Porto Alegre que eu já conhecia por ter alguns amigos em comum, para marcar um horário para gravar a voz e marcamos a gravação para o dia seguinte. Fui apresentado a técnicas de gravação de voz que eu não conhecia, como gravar os versos separados para não ficar sem ar nos pulmões. Usamos um microfone da Audio-Technica AT 2020 e monitores de áudio Krokkit, o *software* utilizado foi o Ableton Live. Gravei também o que podemos chamar de alguns contracantos ou vozes secundárias, o que no Rap também leva o nome de *ad lib*. Conversando com o produtor, conseguimos chegar a algumas ideias para acrescentar mais riqueza à música como, por exemplo, utilizar o som do despertador do celular quando a letra fala em dormir e um trecho da série *Todo Mundo Odeia o Chris* que explica a referência da letra. No seriado de televisão, o personagem do pai do Chris é muito trabalhador, sua esposa fala pra todo mundo que ele tem dois empregos e, além disso, o personagem está sempre tentando evitar o desperdício e economizar dinheiro. A ideia é apresentar um exemplo com o intuito de ilustrar e imaginar o futuro do projeto. A mixagem da voz ficou por conta do Bertoi. Abaixo, com algumas referências, as rimas que criei:

40 graus na sombra e eu rimando
Contando as moedas na calçada
Esperando a minha condução
E ninguém está entendendo nada

²⁴ Áudio disponível em: <https://soundcloud.com/gabriel-batista-4/fino-pai-do-chris>.

Na neblina
Já sumi
Agora eu vou
Fugir daqui

Já são 5
Da matina
E eu metendo
Uma gravina

Trabalhando tipo o pai do Chris
Levo a vida que eu sempre quis
To virando a noite sem dormir
Acho que eu vou virar zumbi

Eu to trabalhando o dia inteiro
Como eu vou gastar tanto dinheiro
Pilotando a nave na surdina
Viciado em adrenalina

Vou me embora agora, eu vou sumir
Num instante eu vou fugir daqui
Tipo Papa-léguas na estrada
E ninguém está entendendo nada

Dá no Pé
Fica frio
Quem tava aqui
Já sumiu

Resolvendo um monte de B.O.
A cabeça chega a dar um nó
Tanta coisa pra me preocupar
Quer encher o saco sai pra lá

Agora eu vou fugir da Babilônia
Eu vou acabar com a minha insônia
Esse é o meu plano mais certo
Eu vou viajar o dia inteiro

Algumas referências na letra são: “o pai do Chris”, da série *Todo Mundo Odeia o Chris*, conhecido por ter dois empregos, como expliquei acima; e o Papa-léguas, uma referência ao famoso desenho onde o personagem estava sempre fugindo do coitote. Temos também uma referência à música *Velocidade da Luz*²⁵, do Grupo Revelação, na frase “Vou me embora agora”.

2.4. Beat Drop Mix²⁶:

Este *beat* também surgiu a partir de uma ideia inicial gravada com o gravador do celular quando eu estava improvisando no teclado. Estava procurando uma sequência de acordes que formasse uma cadência e que poderia ficar legal em um *beat*. Cheguei a experimentar uma cadência plagal, mas não gostei do resultado. Gravei com um metrônomo alguns acordes que se repetiam várias vezes, apenas trocando de oitava esporadicamente. A partir dessa ideia inicial, comecei as gravações no Garage Band, usando um Iphone XR. Utilizei a função de Bateria Inteligente para gravar a percussão mas acabei tirando o bumbo e a caixa, ficando apenas com o *hi-hat*, e gravei mais dois timbres de teclado, uma pequena melodia em um deles, e alguns acordes em outro, além de um baixo que depois acabou por ser excluído também. Logo nomeei o *beat* de “*Sem Drop*”, em referência à ausência de bumbo, baixo e caixa. *Drop* é uma expressão usada para se referir à entrada desses instrumentos na música. Porém, não contente com o resultado, decidi por regravar o instrumental, usando o Fruity Loops 21, *software* de produção musical, em um notebook simples. O canal do Youtube *Laboratório de Beats* foi uma fonte de conhecimento. O canal dá dicas de produção musical, especificamente para o Fruity Loops. Mudando de *software*, a proposta do *beat* também mudou um pouco. Utilizei um *loop* proveniente de um desses kits de bateria que adquiri em vaquinhas online para construir uma nova ideia, utilizo muito desse recurso nos *beats*,

²⁵ Áudio disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=n59EJrbsq5s>.

²⁶ Áudio disponível em: <https://soundcloud.com/gabriel-batista-4/beat-drop-mixbeat-a-venda>.

baseando-os em repetições. *Loops* são frases que se repetem, podemos pensar com apenas um instrumento ou mais de um instrumento tocando ao mesmo tempo. A partir desse ponto, adicionei uma bateria com bumbo, caixa e *hi-hat* ao *loop*, um baixo e um teclado, para que tomasse forma a gravação final do *beat*.

2.5. Beat Parte B²⁷:

Conversando com a professora Luciana Prass, surgiu a ideia para dar início a esse *beat*. Falamos sobre a predominância dos tons menores nas batidas e sobre talvez repetir uma frase de um dos *loops* em um tom diferente ou alguma ideia contrastante dentro do *beat*, o que me inspirou a me desafiar e tentar compor algo utilizando a tonalidade maior e pensar em talvez criar uma composição com duas partes diferentes. A partir daí, pensei em uma primeira parte em tom menor e outra em tom maior. Eu poderia fazer uma primeira parte de alguns minutos em tom menor e depois uma segunda parte, contrastante, em tom maior, de mais alguns minutos, sem voltar para a tonalidade menor. Porém, optei por uma forma verso-refrão-verso-refrão ou parte A - parte B - parte A - parte B, sendo parte A, em tom menor, e parte B, em tom maior. Uma grande referência para compor nesse estilo foi a música *Alright*²⁸, de Kendrick Lamar.

O Beat Parte B foi feito usando um notebook simples e o aplicativo utilizado foi o Fruity Loops 21. Para realizar a bateria utilizei *samples*, mas com cada tambor e cada prato gravados separadamente, assim pude montar e organizar da forma que eu achava melhor. Uma técnica utilizada no *hi-hat* foi a de dinamizar a potência de cada batida, com a intenção de humanizar a bateria e, por consequência, o *beat*. Para gravar os teclados, tanto a melodia como a harmonia, utilizei *plug-ins* nativos do aplicativo em questão. Tudo foi gravado em uma manhã de segunda-feira, durante o processo de escrita deste projeto. Essa ideia de humanização do groove veio da leitura do Projeto de Graduação em Música Popular do baterista Mateus Mussato:

No período de surgimento do estilo no final dos anos 1970, os loops eram extraídos de vinis de Funk e Jazz do final da década de 1960. Com a evolução tecnológica os sequenciadores foram sendo incorporados na produção das batidas, aumentando os recursos dos produtores. Hoje em dia os softwares de edição de áudio facilitaram e expandiram praticamente ao infinito as possibilidades de produção em termos de timbres e variações rítmicas. Observa-se uma busca de humanização do groove por parte dos produtores ao

²⁷ Áudio disponível em: <https://soundcloud.com/gabriel-batista-4/beat-parte-bbeat-a-venda>.

²⁸ Áudio disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JocAXINz-YE>.

longo da evolução do estilo pela facilidade de manipulação dos sons em relação ao pulso e à métrica da música (Mussatto, 2023, p. 12).

Este *beat*, assim como os outros, se encontra disponível no Soundcloud.

Para colocar os instrumentais no site acima citado, para divulgação, utilizei imagens produzidas por inteligência artificial, através do site Gencraft, que gerou as imagens a partir de palavras como *beat*, Rap e fogo.

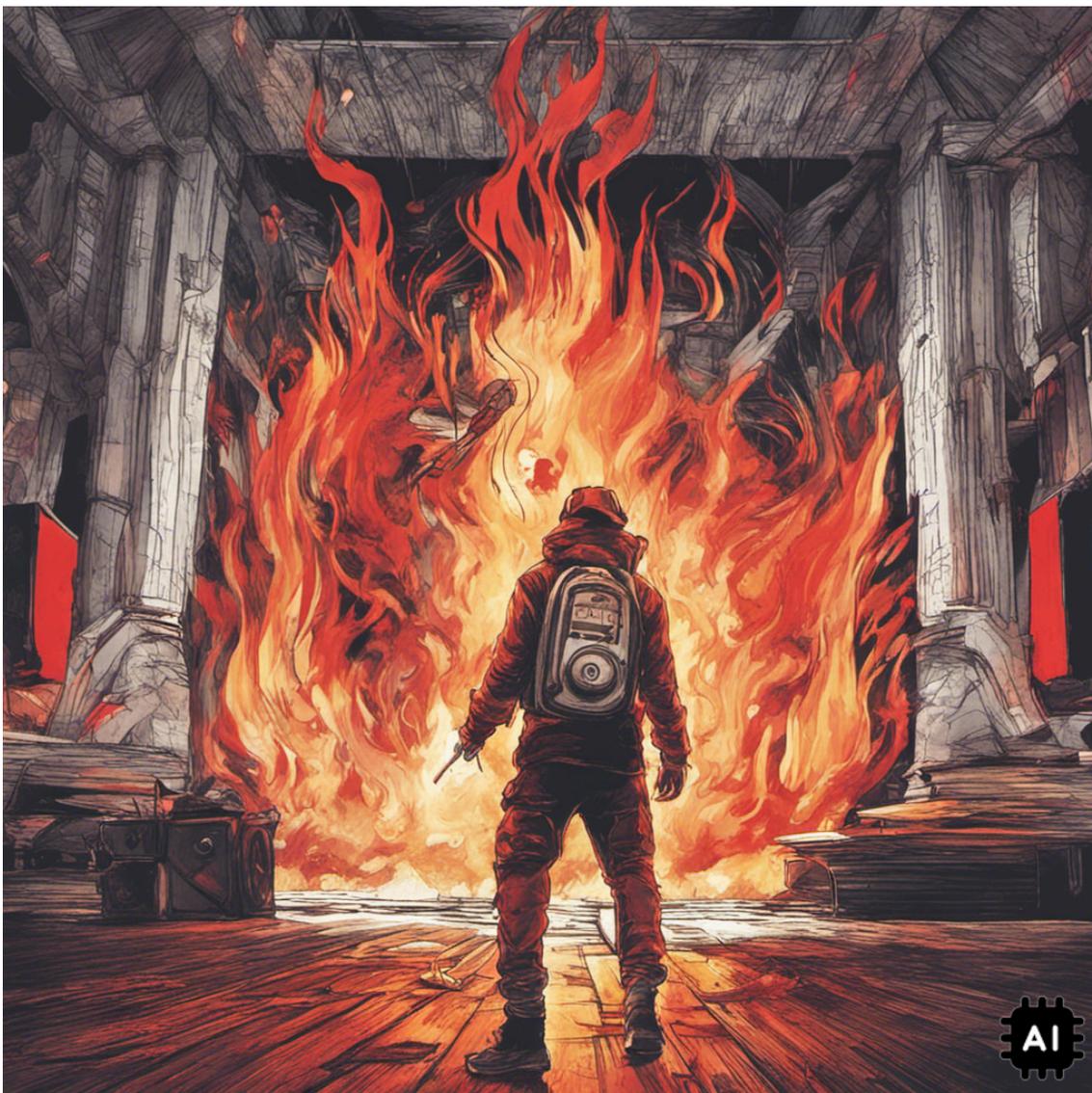


Imagem utilizada de capa para os *beats*, gerada por inteligência artificial.

Considerações Finais

Neste trabalho a ideia foi trazer minhas experiências no curso de Música, com habilitação em Música Popular, na UFRGS, e contar minha história através dessas trilhas instrumentais. Minha intenção foi a de mostrar minhas vivências e algumas influências na música e, além disso, refletir sobre as inúmeras formas de composição. A proposta surgiu de uma reflexão após frequentar muitas batalhas de rimas, tanto em São Leopoldo como em Porto Alegre, pensando em como eu poderia contribuir para o movimento Hip Hop, através do meio acadêmico.

Durante o processo criativo na escrita, trabalhei com rascunhos feitos com papel e caneta. Assim, muitas vezes enquanto eu passava o texto para o computador me surgiam novas ideias.

O catálogo de *beats* é um conceito proveniente do Rap, elemento do Hip Hop, sendo assim, busquei me aprofundar sobre o assunto para adquirir embasamento para poder discutir as motivações do movimento. Os catálogos de *beats* de Rap podem abordar vários outros estilos ou subgêneros, mas o que eu mais utilizei nessa experiência foi o Trap, estilo muito conhecido pelo Hi-hat agudo e o baixo 808, baixo que em alguns *beats* até optei por não utilizar por questões estéticas, me aproximando de um estilo de instrumental menos agressivo.

Nas últimas semanas da construção deste Projeto, em janeiro de 2024, tive a oportunidade de assistir a algumas aulas do MC e escritor Rafa Rafuagi, convidado da professora Luciana Prass como palestrante da disciplina Encontro de Saberes. Falamos sobre alguns assuntos como a questão do trabalho infantil na periferia e as origens da Casa de Cultura Hip Hop de Esteio e do Museu do Hip Hop do Rio Grande do Sul, suas inspirações e motivações. Foi um privilégio poder me aprofundar no tema, ainda mais ouvindo alguém tão reconhecido por estudar e viver o movimento Hip Hop há tanto tempo.

Os próximos passos deste Projeto se tratam de investir ainda mais na divulgação desses instrumentais para que tenhamos vozes de diferentes MCs gravadas em cima dessas batidas. O catálogo já foi enviado para o MC Luto, um grande amigo e grande músico da cidade de São Leopoldo, um dos expoentes que me inseriu no Hip Hop quando eu era apenas mais um jovem entrando no mundo da música.

Os áudios de todos os *beats* que eu produzi para esse trabalho são encontrados através dos links incluídos nas notas de rodapé.

Referências

ANDRADE, Elaine Nunes de. **Movimento negro juvenil: um estudo de caso sobre jovens rappers de sao bernardo do campo.** 1996. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996. . Acesso em: 26 jan. 2024.

AUSLANDER, Philip. “**Musical Personae.**” *TDR (1988-)*, vol. 50, no. 1, 2006, pp. 100–19. *JSTOR*, <http://www.jstor.org/stable/4492661>. Accessed 27 Jan. 2024.

DIRETORIA. **Divisão Total e Real das Riquezas da Alma.** Porto Alegre: Orbeat Music, 2001.

ECHEGARAY, Luciana. **Expressões Insurgentes e Conflito Urbano: Reflexões sobre o Graffiti na área central de Porto Alegre.** Porto Alegre, 2020. Dissertação de Mestrado.

ESCHILETTI, Francisco da Costa. **Música de quarto: lo-fi hip hop.** Porto Alegre: UFRGS, 2019. Projeto de Graduação em Música Popular.

LIVRE, Expresso. **Equinócio.** Porto Alegre: Estúdio Gorila, 2016.

MED, Bohumil. **Teoria da música.** Brasília: MUSIMED, 1996.

MUSSATTO, Mateus. **Groove: de onde vem, para onde vai? do que se alimenta?** Porto Alegre: UFRGS, 2023. Projeto de Graduação em Música Popular.

NASCIMENTO, Milton. **Louva a Deus.** São Paulo: Warner Music, 1997.

PROSSER, Elisabeth Seraphim. **Arte, representações e conflitos no meio ambiente urbano: o graffiti em Curitiba (2004-2009).** Universidade Estadual do Paraná. Curitiba, 2009. Tese de Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento.

RAUPP, Eduardo Bastos. “**De Dentro Pra Fora**”: **Memorial descritivo sobre o processo criativo do EP.** Porto Alegre: UFRGS, 2022. Projeto de Graduação em Música Popular.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antiracista.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ROCHA, Janaina; DOMENICH, Mirella; CASSEANO, Patrícia. **Hip Hop: A Periferia Grita.** São Paulo, 2001.

SCHAFFER, R. Murray. **O Ouvido Pensante**. Canadá: Arcana Editions. 1986.

SOUZA, Vitor Tesler de. **Pra ontem e amanhã: canções de um porto-alegrense**. Porto Alegre: UFRGS, 2023. Projeto de Graduação em Música Popular.

VIANNA, Hermano. **O Mundo Funk carioca**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.